

Número da fita: 0016

Título: Entrevista com José Gomes de Morais (S. Juca)

Mídia: Mini DV

Time Code		Vídeo	Áudio	Tema	Comentário imperdível (interno ao material)	Sugestão (conexões externas)
in	out					
00:02	00:16	Tela colorida	Carlos pergunta ao Seu Juca se seus irmãos já saíram de Barra do Piraí com trabalho certo. O entrevistado responde que eles foram pra casa dos tios, que moravam no Rio e trabalhavam na prefeitura.			

00:17	01:10	Seu Juca sentado, plano americano.	O entrevistado fala dos irmãos, de Antônio Justo, “Tinico”. Diz que morreu o mais novo e o mais velho, e que só ficou ele, o João e o Moacir. E que o Moacir com uns quinze anos “se mandou” e depois veio buscar o João, assim, dos irmãos homens, só ele foi criado em Barra do Piraí. Fala que foi criado pela estrada de Valença, andando desde a Igreja de Sant’Anna até depois da Fazenda Taquara, diz ter vontade de levar a família para conhecer esses lugares por onde ele andava. Diz que catava “bitu” pra fazenda.	FA		
-------	-------	------------------------------------	---	----	--	--

01:11	02:09		<p>Guilherme pergunta: “pra quê?” Ele responde que o “bitu” era pra não dar formigueiro, que por ali (na Fazenda Taquara) era tudo laranja, que era laranjal por todos os morros e que as laranjas eram vendidas para Nova Iguaçu. Então, o fazendeiro os pagava para pegar “bitu”, diz se lembrar que eles pagavam duzentos réis pela lata de dois litros. O entrevistado faz uma comparação: hoje os meninos sobem no morro pra soltar pipa e ele não subia à toa, subia pra procurar “bitu” e ganhava dinheiro.</p>	FA		
-------	-------	--	--	----	--	--

02:10	05:10		<p>Carlos pergunta se ele, ou alguém de lá, chegou a ir trabalhar na laranja em Nova Iguaçu. Seu Juca diz que não e, que nunca trabalhou enquanto era novo. Luana pergunta se nem na fazenda ele trabalhou. Responde que nem ele nem os irmãos nunca trabalharam em fazenda, só seu pai e no tempo dele. Diz que os irmãos trabalharam em Barra da Piraí, no Estado e na Prefeitura. Conta sobre antigas ruas da cidade e fala da linha do trem. Zezé, filha do entrevistado, serve um café. Seu Juca continua falando de ruas antigas da cidade.</p>			
-------	-------	--	---	--	--	--

05:11	08:37		<p>Guilherme pergunta como era o rio (Paraíba) naquela época. Ele responde dizendo que “Era rio”. Diz que “o Paraíba já botou água, da estação até na travessia”, isso em 1937 ou 38. Que existia a ponte grande que vai para o bairro das Oficinas Velhas (Ponte Metálica) e que existia uma outra de tábua do outro lado (explica como era a divisão das ruas). Fala de uma foto que está na atual Secretaria de Cultura dizendo que desconfia estar nela. Diz que a foto foi tirada em ocasião do governo de Getúlio Vargas, quando o prefeito da cidade era Arthur Costa e o interventor Ari Parreiras. E com a saída de Ari Parreiras entrou o Sr. Teixeira Neto, que dá nome a uma rua de Barra do</p>			
-------	-------	--	--	--	--	--

			Piraí. Conta da escola que estudou e que desconfia que a construção onde esta funcionava ainda se mantém. Fala dessa escola: Escola de D. Nina, onde estudou quando criança, D. Nina era madrinha de suas irmãs.			
08:38	09:11		Luana pergunta se quando estudava ainda morava na fazenda. O entrevistado responde que sim. Luana pergunta se ele lembra quem era o dono da fazenda. Ele diz que o dono era o “Coronel Lindolfo de Paiva”, da fazenda de Ipiabas, e que o da fazenda da Taquara era Ernani Pereira, que dá nome à rua que vai para as Oficinas Velhas, pai do Sr. Irineu.	FA		

09:12	09:27		Carolina pergunta se na fazenda, os pais do entrevistado plantavam, tinham roça. Ele responde que sim, que faziam lavoura de milho, feijão, mas não para vender, fazia para comer.	CN		
09:29	09:52		Guilherme pergunta se ele ajudava os pais na lavoura. Seu Juca diz que quando novo nunca trabalhou, que era o caçula e que os irmãos até trabalharam, mas logo foram embora. E que também seu pai entrou para a Central em 1921.	CN		
09:53	10:20		Carlos pergunta se o pai do entrevistado trabalhou em Barra mesmo ou se chegou a sair. Ele diz que o pai só trabalhou pela região e que era um manobreiro muito conhecido da Central do Brasil.			

10:21	11:00		Luana pergunta se na fazenda tinha festa. Ele responde que sim, mas que não ia. Que a única coisa que a família tinha com a fazenda era o arrendamento, no resto: “a fazenda ficava pra lá e nós pra cá”. E logo depois a família se mudou para a cidade.			
11:02	11:14		Carlos pergunta quantos anos ele tinha quando se mudou. Seu Juca responde que se mudou “no dia 10 de maio de 1935”.			

11:14	12:57		<p>Carolina pergunta se quando ele se mudou, começou a trabalhar. Ele responde que não, que ainda estava estudando. Carolina pergunta em que trabalhava quando acabou os estudos. Ele diz que fazia “biscate”, que foi doceiro, contando de um homem com quem trabalhou: um zelador da Igreja São Benedito muito conhecido na cidade. Depois trabalhou de caixeiro de armazém na Rua da Estação e na Química (estava na fundação dessa indústria). Em 1942 entrou na Central, de onde só saiu em 1977.</p>			
-------	-------	--	--	--	--	--

12:58	13:59		Carlos pergunta se ele sempre trabalhou em Barra do Piraí. Seu Juca diz que não, que trabalhou no Rio, em São Cristóvão. O entrevistado descreve o lugar. Diz que trabalhou de escriturário, agente administrativo e que não ganhou muito dinheiro, pois não tinha, o que tinha era “desembaraço”.			
-------	-------	--	--	--	--	--

14:00	14:57		Guilherme diz: “o senhor tem memória”. Seu Juca fala que as pessoas ficam bobas, que ele lembra a data de nascimento de todos os seus irmãos, mãe e pai quando morreram. Que procura guardar tudo na cabeça. Guilherme pergunta se ele sabe falar de cor a data do falecimento de seus pais. Ele responde que o pai morreu dia 21 de julho de 1954 e sua mãe morreu dia 18 de dezembro de 1936.			
-------	-------	--	---	--	--	--

14:59	16:01		<p>Carolina pergunta se na fazenda tinha jongo. Ele responde dizendo que não ia à fazenda. Luana pergunta se havia jongo no lugar onde ele morava. Ele explica onde morava, diz que era na beira da estrada e que o local ainda está lá. Luana pergunta se a casa ainda está de pé. Ele diz que não, que só tem o local. Fala de uma pessoa conhecida na cidade, dono de armazém que tinha um sítio perto de onde morava.</p>	JO		<p>O entrevistado fala do local onde nasceu, perto da fazenda Taquara, fala que o local ainda está lá, mas que a casa não. Está informação vale a pena conferir, pois há a informação que nesta fazenda ainda existe vinte casas de colono.</p>
-------	-------	--	---	----	--	---

16:02	17:54		<p>Luana pergunta se eles faziam o caxambu/jongo. Ele responde que sim, que iam no jongo, nos bailes, nas festas. Luana pergunta onde eram essas festas. Ele responde que na cidade e lá onde morava mesmo. Diz que na cidade quase não tinha, só nos morros. Fala sobre o nome de uma rua em Barra do Pirai.</p>	JO		
-------	-------	--	---	----	--	--

17:56	28:38		<p>Guilherme pergunta o que ele fazia para se divertir. S. Juca responde que tocava boi no pasto, corria atrás de cavalo. Reafirma que quando criança não trabalhava, que o pai proporcionava o estudo e que só trabalhou depois dos dezesseis anos. Diz que o prefeito Eduardo Synn era marido de sua professora, D. Nina, que também era madrinha de duas das suas irmãs. E em 1934, no dia 10 de março (aniversário da cidade) desfilou em Barra com a escola de sua professora, inaugurando a Praça Oliveira Figueiredo, a ponte do cinema e o Grupo Escolar Joaquim de Macedo, tudo no mesmo dia. Diz que tinha quatorze anos e estava estudando ainda.</p>			
-------	-------	--	--	--	--	--

			<p>Fala que não aprendeu grande coisa, e que só conseguiu um lugar na Central porque lá o pessoal era muito ignorante. Que ele não tinha capacidade nem costume de trabalhar por ser muito querido de seu pai. E que na Central sempre dizia: “trabalhar não é o negócio, o negócio é fazer o serviço”. Quando entrou na “soca” para carregar dormente, ele só carregava o que agüentava, e dizia para o feitor que não fazia porque se “me arrebentar amanhã o senhor não vai me consertar”. Fala que sempre fazia uns serviços (como de limpeza) no escritório e outros lugares, além da soca. Até o dia no qual faltou um funcionário no escritório e, como ele sabia fazer conta, as quatro operações,</p>			
--	--	--	--	--	--	--

			<p>conseguiu a vaga no escritório. Conta que os companheiros disseram que ele ia servir aos brancos e ele respondeu: “pelo menos eu vou pra sombra e posso andar bonitinho lá”. Mas, confessa ter sido mais bem tratado no escritório do que no meio dos companheiros. Diz-se muito curioso e conta sobre sua curiosidade. Fala como entrou no quadro do escritório, que aprendeu muitas coisas e que saiu de lá sem ter um inimigo. Conta que trabalhou em São Cristóvão e também em “Dom Pedro”, oitavo andar, departamento de material, como encarregado de compras.</p>			
--	--	--	---	--	--	--

28:39	30:15		<p>Guilherme pergunta se o entrevistado morava no Rio na época que trabalhava no edifício da Central. Ele diz que ia e voltava todos os dias de trem. Guilherme pergunta se o trem ia direto para Central. Seu Juca responde que ia parando. Guilherme pergunta se ele lembra o nome das estações. Ele diz todas, de Barra para o Rio.</p>			<p>O entrevistado fala de cor todas as estações de trem de Barra do Piraí até a Central, “Dom Pedro”. IMPERDÍVEL!!!!!! O entrevistado fala muito rápido por isso alguns nomes ficam incompreensíveis.</p>
30:17	32:52		<p>Seu Juca diz que de Barra do Piraí até Japeri conheceu a pé, conta sobre o seu trabalho. Fala onde trabalhou em São Cristóvão, em Dom Pedro e em Barra. Conta novamente da “soca” e da sua aposentadoria na Central.</p>			

32:53	35:20	Seu Juca sentado plano americano, a câmera tira o somente foco do entrevistado e mostra sua esposa no quintal.	Luana pergunta quando ele se casou. Ele responde que em 15 de fevereiro de 1946. Luana pergunta de onde era a esposa. Ele diz que era de Ipiranga. Fala que seu namoro foi um problema e teve início em 1940. Conta fatos do namoro.			
-------	-------	--	--	--	--	--

35:22	43:54		<p>Guilherme pergunta ao entrevistado como ele se divertia com a esposa. Ele diz que não tinha divertimento com a esposa. Mas, diz que ia ao baile e dançava. Luana pergunta o que eles dançavam no baile. Ele responde que sanfona, “pagode da roça”. Guilherme pergunta o que tinha além da sanfona. Ele diz, pandeiro e completa: “sanfona e pandeiro aqui, e lá atrás, o caxambu” . Luana pergunta quem dançava o caxambu. Ele diz que os mais velhos, que era difícil uma criança entrar no caxambu. Guilherme pergunta por quê. O entrevistado diz que era costume. Que gostava de caxambu porque os pais gostavam e, em casa, como tinha muita regalia, às vezes, batia no caxambumas</p>	CA JO	<p>Faz um ótimo depoimento do caxambu de quando era novo. IMPERDÍVEL!</p>	<p>Fala da concomitância do caxambu com o baile de sanfona, e que o caxambu era dançado pelos mais velhos. Tal depoimento coincide com o de outras entrevistas, como a da Tia Marina e D. Madalena (k-7).</p>
-------	-------	--	--	----------	---	---

			<p>no caxambu, cantava os pontos, os jongos que o pai cantava, mas ficava no baile. Só ia na roda do caxambu quando a mãe o levava. Diz que o caxambu era quase uma espécie de religião, fala que tinham uma desconfiança da relação, que até hoje existe, do caxambu com a macumba, mas diz não ter nada. Ele fala que não é macumba, é dança folclórica. Que macumba é religião e que nunca gostou de macumba, que toda vida foi católico. Conta que estava fazendo a novena de Nossa Senhora Aparecida e que quando casou era da “Liga Católica Jesus, Maria e José” e que acompanhou a igreja por muito tempo. Foi a Aparecida do Norte mais de vinte</p>		
--	--	--	---	--	--

			mais de vinte vezes, fala de outros lugares que também conheceu, inclusive Paraguai e Bolívia. Diz que assim como fala as estações de trem até o Rio, fala as cidades de Barra do Piraí até São Paulo e Minas Gerais.			
--	--	--	---	--	--	--

43:54	44:58		<p>O entrevistado fala de sua filha que mora no estado de São Paulo e conta que ela esteve no caxambu que fizeram no seu aniversário. Luana pergunta se o caxambu do aniversário foi bom. Ele responde que sim. Luana pergunta qual a diferença do caxambu de hoje para o de antigamente. Seu Juca diz que o caxambu antigamente tinha muita “ignorância”. Carlos pergunta: Como ignorância? Ele fala das crianças não poderem participar e que até hoje o caxambu é “uma verdadeira demanda”. Diz que um canta falando pro outro, ou por deboche, por brincadeira ou abuso, e o outro responde e é assim que é divertido(?).</p>	JO		
-------	-------	--	---	----	--	--

44:59	46:51		<p>Luana pergunta sobre os instrumentos, se estes ainda são os mesmos. Ele responde que agora têm outros e que antigamente era só o tambor. Guilherme pergunta se era um só tambor. O entrevistado diz que eram dois. Guilherme pergunta se os dois tambores têm nomes diferentes. Seu Juca responde: “candongueiro e tambor grande”, um faz o repique e a marcação e o outro “floreia o negócio”. Luana pergunta com quem ele aprendeu a tocar o tambor. Ele responde que com o pai. Guilherme pede ao entrevistado que conte como se deu o aprendizado. Seu Juca diz que o pai o ensinava em casa, cada um com um tambor e, quando ele tocava errado, o pai o ensinava. Quando começ</p>	JO		
-------	-------	--	--	----	--	--

			começou a crescer e já tinha uns jongos, o pai pedia aos mais velhos permissão para a entrada do filho no caxambu. Diz que era coisa séria e que hoje é brincadeira.			
46:52	49:04		Luana pergunta como era feito o tambor. Ele responde que é igual ao tambor de hoje, “um barrilzinho com coro por cima”. Faz a distinção do tambor do caxambu para o das escolas de samba. Diz que no princípio o tambor não era feito de barril e sim de tora de madeira oca. Que o barril veio a partir das bebidas que iam para as fazendas.	JO	O entrevistado conta sobre a mudança dos tambores, que antes eram feitos de tora de madeira e passaram a ser feitos de barril. Conta uma história interessante.	

49:06	55:19		<p>Guilherme pergunta sobre antigos jongueiros. Luana complementa perguntando se ele não lembra de jongueiros da época de seu pai. Ele responde, João Gregório, Ataliba, Seu Manuel Natalino, Procópio, Nestor e outros, dizendo ainda de onde era cada um. Fala de “cumba véia” e conta um episódio de “mistério” no caxambu. Guilherme pergunta se eram freqüentes casos como este. Ele responde que antigamente sim e que muitas vezes as pessoas evitam, porque eles sabem quando o negócio não está bom. Ele fala em “tempo do atraso”.</p>	JO	<p>Conta uma história que envolve o “mistério” do caxambu”. INTERESSANTE! (cumba véia)</p>	
-------	-------	--	--	----	---	--

55:20	55:56		<p>Luana pergunta como o caxambu era visto antigamente. Ele responde dizendo que como macumba. Fala que os mais velhos que freqüentavam o caxambu também mexiam com “centro”. E diz que de fato não brincadeira.</p> <p>Guilherme pergunta se tinha hora que misturava – caxambu e macumba. O entrevistado confirma.</p>	JO		
55:57	57:19		<p>Guilherme pergunta sobre as “cumbas velhas”. Ele diz que “cumba velha” eram as mulheres velhas. E que as mulheres participavam muito e não eram fáceis.</p> <p>Guilherme pergunta se ele lembra de alguma dessas mulheres. Ele fala de uma, “Zefina” e que essas mulheres suscitavam medo e respeito.</p>	JO	Fala de “cumba véia” e da ativa participação das mulheres do caxambu.	

57:20	58:51		<p>Guilherme pergunta se a denominação era jongo ou caxambu. Ele responde que jongo é a cantoria, o versado, e caxambu o instrumento e a dança. Luana pergunta o que é ser jongueiro. Ele diz que é quem canta. Guilherme pergunta qual a qualidade de um bom jongueiro. Seu Juca fala que é quem canta bem. Luana pede que ele cante um jongo. O entrevistado diz não lembrar de nenhum no momento. Fala que o jongo é bom acompanhado dos instrumentos.</p>	JO	Diferencia jongo e caxambu.	
58:54	59:33		<p>Luana pergunta se em algum momento ele deixou de dançar o caxambu. Ele responde que só parou quando se mudou da fazenda e veio morar na cidade, mas que depois voltou.</p>	JO		

59:34	01:02:02		Luana pergunta como ele acha que o jongo é visto hoje. Ele responde que é visto com respeito, que é considerado. Luana pergunta se ele se lembra quando houve essa mudança. O entrevistado diz que há pouco tempo. Fala que o seu grupo de jongo é o mais antigo da cidade, conta sobre sua trajetória. Que sua irmã Teresa foi precursora.	JO		
01:02:03	01:02:16		Luana pergunta do papel da liderança no seu grupo. (A líder é sua sobrinha, filha de sua irmã Teresa, chama-se Eva Lúcia). Ele diz que Eva Lúcia é mestre de caxambu.	JO		

Legenda dos temas	Equipe de decupagem
Jongo – JO Memória do tráfico – MT Quilombo – QL Calango – CA Memória da África – MA Memória da escravidão – ME Folia de Reis – FR Campesinato Negro – CN Fazendas – FA	Camila Marques Camila Mendonça Edmilson Santos Eric Brasil Luana Oliveira Luciana Leonardo Matheus Serva Thiago Campos